

## Proposta de harmonização ortográfica da toponímia de Angola: caso do município do Cuito-Angola<sup>1</sup>

Martins Kamulengo Siluqui Laurindo\*

ORCID iD

<https://orcid.org/0000-0002-0878-3172>

**Resumo:** No contexto da província do Bié, os topónimos de origem Bantu em especial os da Língua Umbundu (LU), apresentam uma variação do ponto de vista ortográfica. O presente trabalho centra-se na proposta de harmonizar a ortografia dos topónimos de origem Bantu no Português em especial a LU. Neste estudo desenvolveram-se como procedimentos metodológicos a pesquisa documental e de campo, isto é, um *corpus*, onde se usou a entrevista dirigida aos anciãos para validar os nomes de lugares recolhidos nos mapas e letreiros. Relativamente aos topónimos recolhidos demonstram que existem múltiplas escritas. Portanto, neste estudo, propuseram-se determinadas linhas orientadoras para uniformizar e evitar diferentes ortografias de um mesmo topónimo.

**Palavras-chave:** Harmonização ortográfica; Topónimos Umbundu; Topónimos em Português

### Ocisimilo congongela lyetayiwo lyolonduko vofeka Yongola: Ocindekase covoluhumba Wokwitu

**Okwoya:** Kekalo lyolonungi wolupale wo Viye, olonduko vikwete ocikoti kelimi capyala enene kelilimi lyumbundu, vilekisa okupongoloka kumwe kulikwetelepo lokutaya ovisonehwa. Upange ulo, utukwetelepo locisimilo congongela lyetayiwo capyala enene kelimi lyumbundu. Kelilongiso eli, upange walingiwa wakwata olonjila vivali ndeci: ukulihiso wovityapa vitukula kolonduko vyovitumalo vyofeka kwenda apulilo a lingiwa kolosekulu lokakongo oloningi vyovambo locimaho cokukulihisa esilivilo lyolonduko vyovitumalo vya sonehiwa kolomapa Kwenda kovina vikwavo. Cilikwetelepo lolonduko vyavanjiliyiwa toke vvasangiwa kwenda vyalekisa okuti okutaya kwalitepa kukwete ovipãla vingi la vingi. Oco okupoya, kelilongiso lilo, cava okukwama ovisimilo vyakwatisako kalila vesongwilo kelyongotiyo kwenda okutava okuti, hakukala atayiwo valitepa cityama kolonduko vyovitumalo.

**Olosapi vyolondaka:** umwamwe wetayiwo; olonduko vyovitumalo kelimi lyumbundu kwenda lyafulu.

### Proposal for the orthographic harmonization of Angola's toponymy in the case of Cuito municipality

**Abstract:** In the context of Bie province the toponym of Bantu extraction in particular of the Umbundu language, feature a variation from an orthographic point of view. The present work focuses on the proposal to harmonise the spelling of toponyms of Bantu origin in Portuguese especially in Umbundu language. In this study they developed as methodological procedures to documental research, and from the labor camp of this structure, where was addressed the interview to the elders to evaluate places and names collected on maps and signs. Regarding the

<sup>1</sup> Artigo extraído e atualizado da dissertação de mestrado em Terminologia e Gestão de Informação de Especialidade apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, sob título Abordagem do léxico toponímico do Cuito da Província do Bié: Caso de bairros, comunas, embalas e aldeias, Orientada pela Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino

\* Escola Superior Pedagógica do Bié / Angola, E-mail: [martinslaurindokamulengo@gmail.com](mailto:martinslaurindokamulengo@gmail.com)

collected places-names they demonstrated that there are multiple scripts, so in this study certain guidelines were proposed to standardize and avoid different spellings of the same toponym.

**Keywords:** Orthographic harmonization; Umbundu toponyms; Portuguese toponyms.

## Considerações iniciais

A presente pesquisa enquadra-se na proposta de uma harmonização ortográfica dos topónimos, assunto este que tem suscitado acesos debates públicos e, em alguns casos, trabalhos acadêmicos, para a valorização da toponímia em todo país de Angola, em particular da Província do Bié, no município do Cuito. A proposta do Estado Angolano é de que os topónimos de origem bantu devem ser escritos de acordo a Resolução nº 3/1987 (ANGOLA, 1987), o que na visão de Alexandre (2020) tem uma implicação no que diz respeito à sua autonomia relativamente à Língua Portuguesa (LP).

Considerando-se, na verdade, uma reivindicação justa que as Línguas Bantu (LB) não sejam subordinadas à LP, como aconteceu durante o domínio colonial português, tendo como apogeu o conhecido Decreto nº 77/1921 de 17 de dezembro, do então Alto Comissário de Angola, Norton de Matos. Todavia, entende-se, também, que a autonomização das línguas bantu (LB) de Angola não deve significar a sobreposição dessas em relação à LP, mas a assunção de medidas de políticas que permitam: 1) o seu estudo; 2) a sua inserção no sistema de ensino, sobretudo no ensino primário para crianças que as têm como língua materna; e 3) o seu uso em espaços públicos sem o menor preconceito.

A pesquisa tem como objectivo harmonizar a ortografia dos topónimos do município do Cuito. É uma pesquisa de análise documental e de campo, isto é, um *corpus* oral recolhido em 2014, onde se usou a entrevista dirigida aos anciãos para validar os nomes de lugares recolhidos nos mapas, letrados e outros documentos. O trabalho está organizado em duas partes fundamentais. Na primeira parte, apresentaremos e discutiremos os principais pressupostos teóricos sobre os conceitos de Toponímia, as taxonomias toponímicas e a lexicologia no estudo da Toponímia, a partir da bibliografia existente. Na segunda parte, detalharemos os pressupostos metodológicos, a apresentação, a análise e a discussão dos resultados. Por último, apresentaremos as considerações finais e as respectivas referências bibliográficas.

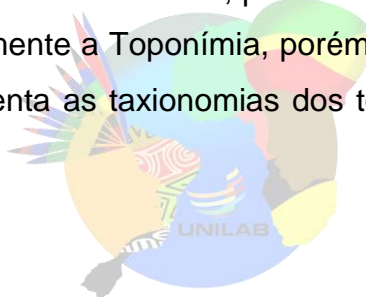
## 1. Conceito de Toponímia

Nesta secção, apresentaremos o conceito de Toponímia, a partir dos postulados advindos de vários autores. Toponímia é uma disciplina integrada na ciência linguística e

ocupa-se da origem e do significado dos nomes de lugares. É um dos ramos da Onomástica ou Onomatologia – ciência dos nomes próprios – cujo outro ramo, a Antroponímia, se ocupa do estudo dos nomes próprios de pessoas Maeda (2006). De acordo o dicionário electrónico Houaiss (s/d), define a Toponímia como o estudo linguístico e histórico da origem dos nomes de lugar.

Já a Enciclopédia Verbo Luso-Brasileiro de Cultura, explica que é uma palavra de origem grega *topos* “lugar” + *onoma* “nome”, isto é, estudo de nomes de lugares. É o domínio da Onomástica, tal como a antroponímia – estudo de nomes de pessoas e a polionímia – designação proposta por Leite Vasconcelos (1931) para englobar todos os outros nomes que não cabem nas duas primeiras secções como os nomes de animais, astros, barcos, ventos, etc.

Para Di Tizio (2008) considera a Toponímia como uma disciplina que se preocupa em buscar a origem e a significação dos nomes de lugares, para isso a necessidade de se buscar modelos taxonómicos nos ordenamentos sistemáticos das ciências humanas afins á toponímia [...]. A partir destes conceitos, percebe-se que todos autores convergem nas suas abordagens, relativamente a Toponímia, porém, o conceito Di Tizio parece se a mais completa, porque acrescenta as taxionomias dos topónimos, os quais passamos a descrever na epígrafe a seguir.



## 2. Taxionomia toponímicas

Nesta secção, apresentaremos a taxionomia dos topónimos, a partir dos trabalhos realizados por Dick e publicados em 1990. Dick criou um modelo de classificação em 1975, que continha 19 (dezanove) taxes. Esse modelo foi reformulado posteriormente, pela própria autora, e publicado em 1990, contando com 27 (vinte e sete) taxes, das quais 11 (onze) se relacionavam com o ambiente físico e são denominadas de Taxionomias de Natureza Física” e 16 (dezasseis) estão ligadas as relações que envolve o homem inserido em um grupo com os seus aspectos sociais, culturas, denominadas Taxionomias de Natureza Antropocultura, como se apresenta nos quadros 1 e 2.

### Quadro 1 – Classificação taxionómica dos topónimos de Natureza Física

<b>Categoria</b>	<b>Descrição</b>
Astrotopónimos	Topónimos relativos aos corpos celestes em geral
Cardinotopónimos	Topónimos relativos às posições geográficas em geral

Cromotopónimos	Topónimos relativos às escalas cromáticas
Dimensiotopónimos	Topónimos relativos às dimensões dos acidentes geográficos: extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura e profundidade
Fitotopónimos	Topónimos relativos aos vegetais
Geomorfotopónimos	Topónimos relativos às formas topográficas: elevações, montanhas, montes, morros, colina, depressões de terrenos, costa, cabo, angra, ilha, porto
Hidrotopónimos	Topónimos relativos a acidentes hidrográficos: água, rio, córrego, foz
Litotopónimos	Topónimos relativos aos minerais e à constituição do solo
Meteorotopónimos	Topónimos relativos aos fenômenos atmosféricos: vento, chuva, trovão
Morfotopónimos	Topónimos relativos às formas geométricas
Zootopónimos	Topónimos relativos aos animais

**Fonte:** Silva e Oliveira (2012 apud Alexandre, 2020)

**Quadro 2 – Classificação dos topônimos de Natureza Antropo-Cultural**

<b>Categoria</b>	<b>Descrição</b>
Animotopónimos ou Nootopónimos	Topónimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual: vitória, saudade, belo, feio
Antropotopónimos	Topônimos que dizem respeito a nomes próprios individuais: prenome, hipocorístico, prenome mais alcunha, apelido de famílias e prenome mais apelidos de família
Axiotopónimos	Topónimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais
Corotopónimos	Topónimos relativos a nomes de cidades, países estados, regiões e continentes
Cronotopónimos	Topónimos relativos aos indicadores cronológicos, representados pelos adjetivos novo, nova, velho, velha
Ecotopónimos	Topônimos relativos às habitações em geral
Ergotopónimos	Topónimos relativos aos elementos da cultura material
Etnotopónimos	Topónimos relativos aos elementos étnicos, isolados ou não: povos, tribos, castas
Dirrematopónimos	Topónimos constituídos de frases ou enunciados linguísticos

Hierotopónimos	Topónimos relativos a nomes sagrados de crenças diversas, a efemérides, religiosas, a associações e a locais de culto
Hagiotopônimos	Hierotopónimos relativos a nomes de santos da Igreja Católica Romana
Mitotopónimos	Hierotopónimos relativos a entidades mitológicas
Historiotopónimos	Topónimos relativos aos movimentos de cunho histórico, seus membros e às datas comemorativas
Hodotopónimos	Topônimos relativos às vias de comunicação
Numerotopónimos	Topónimos relativos aos numerais
Poliotopónimos	Topónimos construídos com os vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial
Sociotopónimos	Topónimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade, aglomerados humanos
Somatopónimos	Topónimos relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou animal

**Fonte:** Silva e Oliveira (2012 apud Alexandre, 2020)

O estudo dos topónimos e da toponímia reveste-se de grande importância, como aborda Salazar-Quijada (1984) citado por Zamariano (2006), diz que, permite conhecer as características culturais de homens que habitaram ou habitam uma determinada região e, como a Arqueologia, salienta ele, às vezes os topónimos podem ser a única evidência da presença histórica de grupos em determinadas áreas. Assevera que os topónimos constituem um bem patrimonial de qualquer País, pois é por meio dos designativos de lugares que as nações apresentam sua personalidade geográfica e se particularizam em relação aos demais territórios do mundo.

E de acordo Alexandre (2020, p. 472) diz que: “O estudo da toponímia revela-se de grande importância, pois permite não só perceber a cosmovisão de um determinado povo, como também pode em muito contribuir para a reconstrução e/ou confirmação da história de um dado espaço”.

### **3.A Importância da Lexicologia no Estudo da Toponímia**

O nosso objectivo nessa secção é apresentar a importância da Lexicologia no estudo da Toponímia, já que ela constitui o objecto da Lexicologia, tal como afirma Alexandre (2020). Vilela caracteriza a Lexicologia do seguinte modo:

A lexicologia pode incluir a etimologia, a formação de palavras, a importação de palavras, a morfologia, a fonologia, a sintaxe, mas tem uma ligação especial com a semântica. A Lexicologia costuma a ser definida como a ciência do léxico duma língua. Isto é, a Lexicologia tem como objecto o relacionamento do léxico com os restantes subsistemas da língua, incidindo sobretudo na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações (1994, p. 10).

O objecto da Lexicologia é o estudo da semântica (lexical) e morfologia (lexical): o primeiro aspecto, compreende o estudo do conteúdo dos lexemas e grupos de palavras equivalentes de lexemas. Mas a semântica lexical pode situar-se no nível de “langue”, da “norma” e no nível da “parole” e o nível de “langue” situa-se a sistematicidade das unidades funcionais; no nível da norma situa-se o que não é necessariamente funcional ou distintivo, mas o que é fixado socialmente e usado pela comunidade linguística respectiva; no nível de “parole” situa-se o que pertence ao discurso concreto, a designação ou a relação com o extralinguístico (VILELA, 1994).

Já para Cameia (2013) é o ramo da Linguística que tem por objecto de estudo o *léxico*, nas suas diferentes estruturas; estuda todos os aspectos relacionados com as unidades de primeira articulação, ou seja, as unidades dotadas de duas faces: significante e significado. Com efeito, aos conceitos expostos acima, infere-se que os topónimos constituem o objecto da Lexicologia, tal como entende Alexandre (2020), a lexicologia reserva à onomástica o estudo dos nomes próprios, incluindo-se os antropónimos (nomes de pessoas), os fitónimos (nomes de plantas), os zoónimos (nomes de animais) e os topónimos (nomes de lugares). A toponímia, por sua vez, dedica-se ao estudo dos nomes próprios dos lugares e acidentes geográficos. Quanto ao nome, que é topónimo, Dick (2007, p. 143) propõe que:

O topónimo, uma vez instalado na região, nos moldes da gramática da língua falada, segundo esquemas morfolexicossintáticos, não mais fosse substituído. Há toda uma razão lógica nesse raciocínio, que não é só de ordem prática, mas é muito mais. Seu significado conceitual extrapola épocas, pelos contornos valorativos que adquire ao longo dos tempos, quando e se for bem escolhido e acolhido. O designativo tem força não apenas impositiva mas identitária porque situa o objeto nomeado no quadro das significações, retirando-o do anonimato e dispensando-o até do *recurso das descrições referencializadas*<sup>2</sup> [...]

A Toponímia é léxico de uma língua. Por isso, Melo (2012) referencia-o como léxico toponímico, isto é, como indicador cultural, uma vez que a língua é retratada pelo povo, evidenciando a inter-relação que se estabelece entre língua, cultura e sociedade.

---

<sup>2</sup> Grifo do autor



O termo léxico, deriva do grego "λεξικόν" (léxico), isto é, "fala", "palavra", e de "λέγω" (de lego), para dizer, falar – é o conjunto de todas as palavras (ou constituintes morfológicos portadores de significado) possíveis numa língua incluindo as que deixaram de estar em uso e as novas palavras que venham a formar (AZEREDO, 2014, p. 277). Para Vilela (1994, p. 6):

léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade". Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo.

No léxico integram-se também, unidades menores de palavras, sufixos e afixos que permitem os neologismos. Ele pode ser entendido como a matéria-prima que possibilita a construção e a compreensão dos enunciados linguísticos, relacionando-se com todas as nuances gramaticais, integrando palavras e frases dentro de uma categoria sintáctica, morfossintáctica, representação fonológica e sintáctica (CARVALHO, 2012).

Na mesma conformidade, acrescenta Carvalho (2012), que o léxico toponímico é sempre dinâmico e quando utilizado por uma comunidade de falantes, está sempre exposto às mudanças e evoluções, sofrendo as influências, por isso é que algumas palavras logo se incorporam ao léxico da língua, enquanto outros empréstimos aparecem em uma época determinada e desaparecem rapidamente. Assim, constata-se que o léxico de uma língua não é um sistema fechado, mas sim, um inventário aberto no qual constantemente aparecem palavras novas e desaparecem outras.

Para o caso concreto do léxico que compõem a Toponímia da província do Bié em particular do município do Cuito é importante assinalar que grande número de topónimos provém da LU. A esse conjunto de palavras da LU devem ser juntados os empréstimos e estrangeirismos que ao decorrer do tempo, a língua é usada pela comunidade. Encontramos também, topónimos de origem de Línguas Portuguesa, Ngangela, Cokwe e Kimbundu, as três últimas são também línguas bantu de Angola.

Portanto, Vilela (1994), diz que a importância da Lexicologia não consiste apenas no registo do léxico, mas fornecer também os pressupostos teóricos e traçar as grandes linhas que coordenam o léxico duma língua: a sua função é apresentar as informações acerca das unidades lexicais necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico, tanto no aspecto conteúdo, como no aspecto forma.

#### 4.Situação Geográfica da Província do Bié.

Nesta secção, apresentamos a caracterização geográfica da província do Bié e do município do Cuito, bem como da LU e o seu alfabeto. Bié é uma província de Angola. Tem área de 70 314 km<sup>2</sup> e a sua população aproximada é de 1.338.923 habitantes ( Resultados Preliminares, 2014, p. 89). A sua capital é a cidade do Cuito.

Bié tem uma forma de coração e encontra-se no centro geográfico do país, entre 10°34' – 14°18' de latitude e 15°42' – 19°13' de longitude. A capital Cuito está a 1600 metros sobre o nível do mar. No norte faz fronteira com a província do Kwanza Sul, Malanje, Lunda Sul, Este Moxico, Sul Cuando-Cubango, Oeste Huíla e Huambo. A maioria dos rios angolanos inclusivamente o maior rio do país, Kwanza, nasce no Bié. Os rios Luando e Cuemba estão situados na parte ocidental e graças às suas grandes cataratas têm um bom potencial hidroenergético.

Do ponto de vista administrativo, a província está dividida em nove (9) municípios que são: Andulo, Camacupa, Catabola, Chinguari, Chitembo, Cuemba, Cunhinga, Cuito, e Nharea. “O nome da província do Bié deriva do nome do soba *Viye* que denominou toda a zona correspondente agora ao distrito, anteriormente a chegada do sertanejo Silva Porto àquelas terras”. (COLÓNIAS, 1959, p. 118). A província do Bié é uma área de confluência de várias etnias. Prevalece a dos Bieno, um subgrupo dos ovimbundu, cujo nome se relaciona com o nome da província. Observa-se alguma presença do grupo Cokwe que, na sua migração a partir do nordeste de Angola chegaram até aqui. Finalmente, existem aqui pequenos povos enquadrados na categoria etnográfica Ngangela, como por exemplo os Lwimbi. No que diz respeito ao povo ovimbundu como um grupo maioritário neste território, Chimbinda (2009, p.1) diz que:

[...], o povo umbundu estende-se do planalto central de Angola até à costa sententrional do oceano Atlântico<sup>3</sup>. Esta área geográfica umbundu encontra-se entre a latitude sul de 11° e 15° e os meridianos 14° e 18° oeste<sup>4</sup>. O povo umbundu constitui 36% de toda a população do País.

Como já foi referenciado, o grupo ovimbundu é o mais numeroso, mas também o mais homogéneo grupo etnolinguístico de Angola. Acrescenta Zau (2002, p. 62):

Os ovimbundu de língua materna umbundu, nunca tiveram uma estrutura política central como os Bakongo e os Ambundo. No final do século XIX e antes da ocupação efectiva portuguesa, estavam divididos numa dúzia de sobados, sendo o maior deles o Bailundo. Mas, por outro lado, nunca estiveram profundamente divididos, nem linguística nem politicamente.

<sup>3</sup> cf. Gladwyn Murray Childs. Umbundu Kinship e Character, London, Oxford University Press, 1949.


<sup>4</sup> cf. Merran McCulloch. The ovimbundu of Angola. London, Internacional Africa Institute, 1952.



A nossa pesquisa delimitou-se no município de Cuito, local este que se situa na região Centro Sul da Província do Bié. A sua área territorial corresponde a 4.814 Km<sup>2</sup>. Cuito, localizado no Planalto Central, apresenta uma altitude sempre superior a 1000 metros, o clima é tropical de altitude ou temperado húmido, com temperaturas médias anuais à volta dos 19 – 21°C, variando a média das máximas entre 25 e 27°C e a média das mínimas entre 11 e 13°C. A precipitação anual varia entre 1100 e 1400 milímetros com duas estações bem diferenciadas: a chuvosa de Setembro a Abril, e a seca (cacimbo), que vai de Maio a meados de Setembro, ocasião em que podem acontecer geadas. A humidade relativa do ar oscila entre 35 – 40%, no cacimbo e 75 – 80% na estação chuvosa, com uma média anual de 60 - 70% (ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL DO KUITO, 2010).

Os municípios fronteiriços de Cuito são: município do Cunhinga ao Norte, município do Chitembo ao Sul, município de Catabola e Camacupa Leste e o município do Chinguar a Oeste. Do ponto de vista administrativo, o município de Cuito está dividido por cinco, como mostra o quadro número 3.

**Quadro 3 :** População total por divisão administrativa do município do cuito



Município/ Comunas	População
Comuna Sede	836.265
Comuna Cunje	70.824
Comuna Trumba	15.751
Comuna Cambândua	25.000
Comuna Chicala	26.160
<b>Total</b>	<b>974.000</b>

**Fonte:** Administração Municipal do Cuito

No município do Cuito coexistem a língua bantu o Umbundu, o Português, que é a língua oficial do país, segundo a Constituição da República de Angola (CRA), a Língua Ngangela e Cokwe (Línguas Bantu com menos falantes). Relativamente a LU, calcula-se que ela tenha mais de 1.500.000 falantes e o maior grupo homogéneo e mais numeroso de Angola, de acordo Zau (2002). A Língua Umbundu faz fronteira a Leste com a Língua Cokwe na província do Moxico, a Norte com a Língua Kimbundu na província do Kwanza Sul, a Sul com as Línguas Olunyaneka Nkumbi e Oshihelero na província da Huila, a Língua Ngangela na província do Kwando Kubango e a Língua Oshikuvale na província

do Namibe. Segundo a sua área de difusão engloba três (3) províncias: Benguela “Mbengela,” Bié “Viye” e Huambo “Wambu”. Entretanto, o Umbundu estende-se por outras províncias vizinhas como é o caso da província do Namibe, parte nordeste do Cuando Cubango, Huíla e a parte Sul da província do Kwanza Sul (FERNANDES & NTONDO, 2002).

E a LU apresenta características próprias, razão pela qual há uma interferência entre a LP e a LU na escrita dos topónimos do município do Cuito. Assim, apresentamos algumas características da LU, de acordo Théophile (1985) citado por Mudiambo (2013): (i) Os nomes são caracterizados pela prefixação dos morfemas flexionais; (ii) As Línguas Bantu apresentam um sistema de classes, caracterizado por vários prefixos nominais, que indicam o singular e o plural. Cada classe tem um número; (iii) Os nomes são classificados em função dos seus prefixos do singular e do plural; (iv) A utilização de tons no interior de um mesmo significante permite opor duas unidades na maioria das Línguas Bantu. O tom imprime uma variação às unidades lexicais, resultando daí um sentido diferente, mas num contexto fonético idêntico: *lúmbu* (dia), *lùmbu* (família); (v) O sistema vocálico é simétrico: comporta uma vogal central [a], duas vogais anteriores [i], [e] e duas vogais posteriores [u], [o]; (vi) O sistema consonântico comporta pré-nasais, ou seja consoantes orais precedidas de consoantes nasais, formando grupos indivisíveis; (vii) Inexistência de artigos; (viii) As palavras na LU começam por vogal ou consoante, mas terminam sempre em vogais (NASCIMENTO, 1894); (ix) Em Umbundu não há palavras que terminem em consoante (VALENTE, 1964).

Relativamente ao alfabeto da LU, é de salientar que, o Instituto Línguas Nacional, propôs o alfabeto da LU, considerando que o alfabeto proposto pelo Instituto de Línguas Nacionais, resultante das investigações efectuadas sobre o sistema fonológico da respectiva língua, assentando essencialmente sobre a equivalência um símbolo gráfico para cada fonema, correspondem mais fielmente a realidade fonológica da mesma de a Resolução nº 3/87, de 23 de maio de 1987. *Diário da República*. 23 maio 1987. I Série. nº 41. O alfabeto da Língua Umbundu é composto pelas letras: **a, mb, nd, c, e, f, h, ng, i, k, l, m, n, o, p, s, t, u, v, w, y** (ANGOLA, 1987). Entretanto, não são usadas as letras: **qu, r, x, e z**. A letra **r** é substituída por **l** (hora = *ola*);

- o grafema **/c/** equivale ao som **[tʃ]**
- o dígrafo **/qu/** é substituído por **/k/**
- os grafemas **/ss/ç/** equivalem ao som **[s]**
- o dígrafo **/nh/** é substituído por **/ny/**.

A LU não tem fonemas consonânticos oclusivos sonoros, apenas sons surdos. Os fonemas sonoros são substituídos pelos pré-nasais /mb/, /nd/ e /ng/. Excepto as fricativas [f], [v] no modo de articulação, apresentam a oposição surdo-sonora. As consoantes labiais nasalizadas são sempre precedidas por **m** e **n**, e a consoante palatal /j/ é antecedida de “**nd**”, resultando num dígrafo “**ndj**” Valente 1964, p. 23). Exemplos: **Ombolo** (pão), **Ondombe** (bagre), **Ongolo** (joelho), **Ondjila** (caminho).

Em Umbundu, as palavras começam com uma vogal que é chamada de *aumento*, que precede sempre o prefixo nominal em todas as classes excepto na classe cinco (5), onde a vogal (e) desempenha, simultaneamente, a função de aumento e de prefixo Fernandes & Ntongo (2002). Exemplos: **Olwi** (rio), **ombembwa** (paz), **owato** (canoa), **etemo** (enxada).

**Quadro 4:** Aspectos Fonológicos das Vogais em Umbundu segundo Guennec & Valente

Grau de Abertura	Ponto de Articulação					
	Anterior		Centrais		Posterior	
	Orais	Nasais	Orais	Nasais	Orais	Nasais
1º	[i]	[ĩ]			[u]	[ũ]
2º	[e]	[ẽ]			[o]	[õ]
3º			[a]	[ã]		

**Fonte:** Elaboração própria a partir de Guennec & Valente (2010)

“As vogais na Língua Umbundu não são completamente abertas como em Espanhol, nem muito fechadas como o podem ser “**a-e-o**” em Português “(VALENTE, 1964, p. 22). Quanto à ditongação, Valente (1964, p. 36) afirma que “a grafia fonética faz transformar o “**e**” final em “**i – y**”, o “**o**” em “**w**”, originando ditongo com a vogal seguinte.

Exemplos:

- *Ame ulo*, “eis-me aqui” ; > *amyulo* ou ainda *amilo*.
- *Ulo ale*, “cá está”; > *ulwale*.
- *Watunda oko ale*, “foi”; > *Watunda kwale*.

Por outro lado, a vogal /o/ não tem o som de /u/, independentemente da posição em que se encontra.

**Quadro 5:**Quadro Fonológico das Consoantes em Umbundu, segundo Guennec & Valente

Modo de Articulação	Ponto de Articulação →			
	Labiais	Dentais	Palatal	Velar
Oclusiva	[p]	[t]	[c]	[k]
Fricativa	[f] [v]	[s]		[h]
Nasal	[m]	[n]	[ny]	[ñg]
Lateral		[l]		
Semivogal	[w]		[y]	
Pré-nasal	[mb]	[nd]	[ndj]	[ng]

Fonte: Elaboração própria a partir de Guennec & Valente (2010)

### Prefixos da Língua Umbundu

**Quadro 6:** Prefixos da Língua Umbundu

Nº de Classe	Prefixo substantival
1	omu-, u-
1 <sub>a</sub>	∅-
2	oma-, a-, ova-
2 <sub>a</sub>	va-
3	u-
4	ovi-
5	e-, i-
6	a-, ova-
7	oci-

8	ovi-
9	Ø-
10	olo-
11	olu-
12	oka-
13	otu-
14	u-
15	oku-
Classes locativas	-----
16	ko-, ki- <sup>5</sup>
17	Ko-, po- <sup>6</sup>
18	Vo- <sup>7</sup>

**Fonte:** Fernandes & Ntondo (2002, p. 75)

## 5. Metodologia do trabalho

A elaboração deste trabalho foi baseada na formação de um corpus que foi constituído pelas informações e/ou dados recolhidos nos órgãos oficiais como o Ministério da Administração do Território, que têm como função elaborar e implementar normas sobre a divisão política e administrativas, nomes geográficos, organização territorial, toponímia e cartografia de base. Também, recolhemos documentos nas administrações locais, nomeadamente a administração do município do Cuito, comunas de Cunje, Sede do Cuito, Trumba, Chicala, Cambandua, Comissão Municipal Eleitoral do Cuito, o Departamento de Estatística da Educação do Município do Cuito, a Repartição Municipal de Saúde do Cuito, a Direcção Provincial da Cultura do Cuito, o Instituto Geográfico Cadastral de Angola, e o Serviço Provincial do Instituto Nacional de Estatística do Cuito.

Assim, estas instituições forneceram-nos os seguintes documentos: mapas de listas onde estão grafados os topónimos, mapas cartográficas com a escala de 1:50.000, 1:60.000 e 1:100.000 e as monografias das respectivas comunas. Nestes mapas de listas,

<sup>5</sup> A classe 16 – indica superfície (ko- e ki-): elonga likasi **komesa**, em português, “o prato está na mesa”. “Elonga likasi **kilu lyomesa**”, em português “o prato está em cima da mesa.

<sup>6</sup> A classe 17 – indica direcção (ko- e po-): “ngenda **konjo**”, em português “vou a casa”. “Ndikasi **ponele yonjo**”, em português, “estou ao lado de casa”

<sup>7</sup> A classe 18 – indica interioridade (vo-): “Ndañgila **vonjo**”, em português “entrei em casa”.

mapas cartográficos e perfis, constatamos a variação gráfica dos topónimos, assim como o aportuguesamento e umbundização<sup>8</sup> dos topónimos.

Através da investigação toponímica, foi possível conhecer a origem das denominações e identificar os factores que levaram a atribuição de nomes de lugares. Como afirma Dick (1996, p. 12):

Sabe-se que a toponímia é a disciplina que caminha ao lado da História, servindo-se dos seus dados para dar legitimidade a topónimos de um determinado contexto regional, inteirando-se da sua origem para estabelecer as causas motivadoras, num espaço e tempo preciso, procurando relacionar um nome ao outro, de modo que, da distribuição conjunta, se infira um modelo onomástico dominante ou vários modelos simultâneos.

Para isto, fizemos uma entrevista junto das entidades tradicionais como os sobas, anciãos para sabermos dentre os vários assuntos levantadas como a origem do topónimo, significado, a motivação da nomeação, para a validação dos topónimos reconhedos.

Também foi de fundamental importância a leitura do livro de José Leite Vasconcellos, Opúsculos – Vol. III: Onomatologia em 1931, que trata de nomes geográficos, isto é, a sua origem, modo de formação toponímica e a classificação destes nomes; a classificação taxionomia da toponímia de acordo Dick, citado por Di Tizio tal como fizemos referência na fundamentação teórica e a obra de Carlos Estermann constituiu também, um estudo pioneiro relacionado com a toponímia em sua obra “*Etnografia de Angola (Sudoeste e Centro) Colectânea de Artigos Dispersos*” de 1983.

## 5.1 Materiais e Métodos de Recolha de Dados

Partindo do pressuposto de que a pesquisa toponímica pode ser realizada por meio de fontes documentais como mapas topográficos, documentos oficiais e através de pesquisa de campo, nesta pesquisa também fizemos recurso a esses meios supracitados. Assim, a recolha dos dados foi feita com alguns materiais como gravador para a gravação de áudio, o suporte fotográfico – meio que nos ajudou para recolher algumas informações que se encontram nos letreiros e cartazes afixadas, a entrevista – foi uma técnica usada para a colecta de dados junto dos mais velhos, anciãos, que nos passaram informações relacionadas com o assunto em estudo, e que constituiu a forma principal e privilegiada na compilação de informações do material a estudar. A pesquisa de campo e o

---

<sup>8</sup> Interferência da língua umbundu no português, isto é, topónimos em português grafados na língua umbundu.

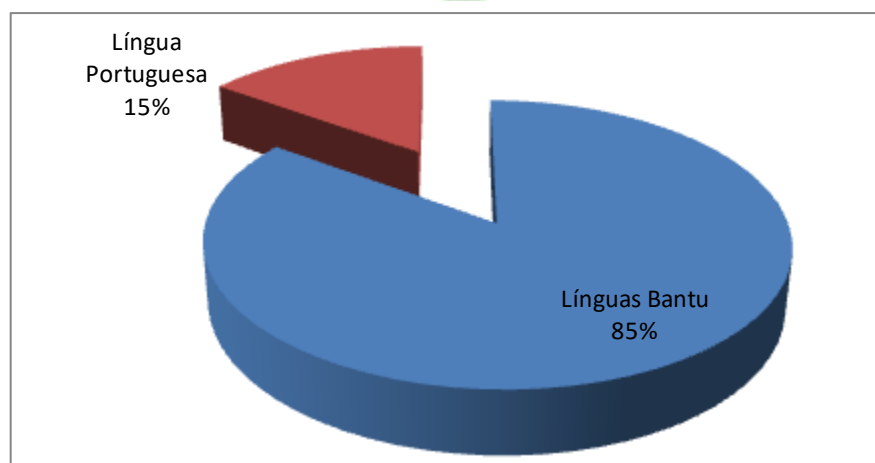


Martins Kamulengo Siluqui Laurindo, Proposta de harmonização ortográfica da toponímia de Angola... procedimento semasiológico – (processo semântico) ajudou-nos a procurar a significação do topónimo.

### 5.3 Apresentação e Tratamento dos Dados

Os dados recolhidos, depois foram transcritos ortograficamente, com ajuda do programa *Microsoft Word*. O registo e a posterior transcrição dos dados recolhidos constituem o corpus linguístico desta investigação. No inventário toponímico realizado nas cinco (5) comunas, foram seleccionados cem (100) topónimos, grande parte deles com origem na LB, equivalente a 85% do corpus e 15% dos topónimos de Lp que guardam a memória histórica deste povo. Portanto, optou-se pela exclusão de alguns topónimos pelo facto de não terem sido validados no momento da pesquisa e também pensando nos futuros trabalhos a serem desenvolvidos.

**Gráfico 1:** Língua de Origem dos topónimos



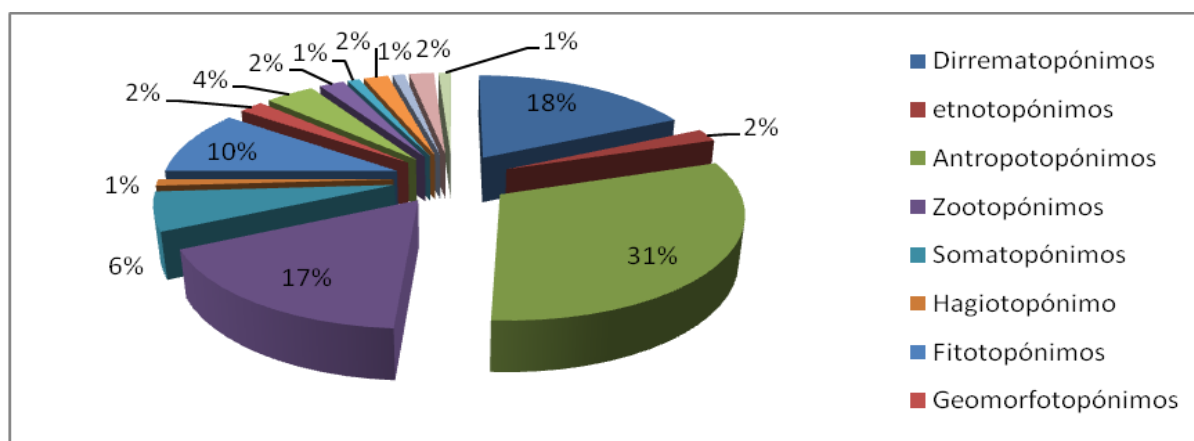
**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Os dados apresentados no gráfico número dois, não apresenta um equilíbrio entre a LB e a LU, julgamos ser pelo facto de que há uma grande tendência na valorização da identidade cultural, no que se refere as tradições, mitos e outras manifestações culturais deste povo. E a outra reflexão em relação a muitos topónimos terem a grafia aportuguesada, mesmo que tenha a sua origem nas línguas bantu, na análise que faz Alexandre (2020), deve-se pelo facto de que a maioria dos nomes de lugares não apresentar fontes escritas.

Relativamente a classificação dos topónimos, tivemos que nos ancorar no modelo toponímico proposto por Dick, tal como se apresenta no gráfico número dois. Portanto,

verificamos que, dentre os cem (100) topónimos que estão a ser analisados, constatamos que a maior incidência é dos antropotopónimos: (31%), topónimos relativos aos nomes próprios, apelidos, nomes de plantas e animais atribuídos a pessoas, informação tão importante que indica o valor que o povo bantu tem em relação o ser humano, e a outra análise prende-se com o batismo que certos lugares tiveram com os nomes de pessoas, facto que demonstra uma forma de honrar a memória do fundador, ou primeiro habitante em determinado lugar. Seguem-se os dirrematopónimos (18%), os zootopónimos (17%), os fitotopónimos (10%) e os somatopónimos (6%). As demais classes têm baixa frequência, como é possível visualizar no gráfico.

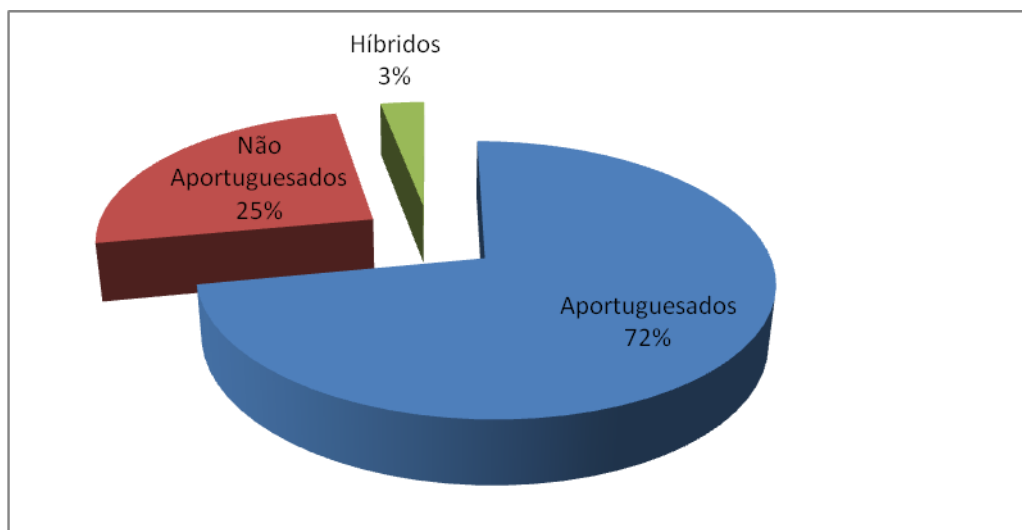
**Gráfico 2** – Classificação dos Topónimos



**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Em relação a caracterização dos topónimos, analisamos o contacto de línguas, que conseqüentemente, resultam em interferências. Sendo assim, nós temos topónimos aportuguesados (72%), topónimos não aportuguesados (25%) e os topónimos híbridos (3%). Estes dados demonstram claramente dois aspectos que devemos ter em conta, de acordo Alexandre (2020), em que ele aborda a necessidade de se ter em conta a convivência da LP com as línguas locais, que de certa forma causa esta interferência.

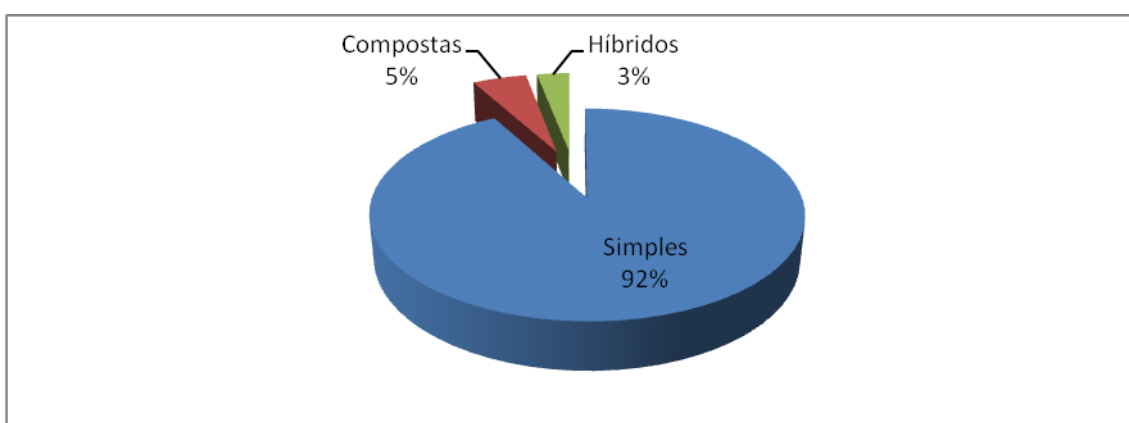
**Gráfico 3 – Caracterização dos Topónimos**



**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Quanto à estrutura morfológica dos topónimos as seguintes percentagens: topónimos caracterizados por uma unidade simples, isto é, topónimos com um radical (92%), topónimos com unidades compostas (5%) e topónimos híbridos – aqueles que derivam de duas línguas, temos (3%).

**Gráfico 4 - Estrutura do Topónimo**



**Fonte:** Elaborado pelo autor.

### **Proposta de Harmonização ortográfica dos topónimos**

Entendemos *harmonização gráfica dos topónimos* como sendo a uniformização, tendo em conta critérios que possibilitam a fixação por escrito numa determinada língua. Importa salientar que a palavra ortografia veio do latim *orthographia*, por sua vez derivada do grego, composta de dois elementos: *ortho(s)*, que quer dizer *correcto(a)* e *grafia*, que significa *escrita* de acordo Estrela (1994). A harmonização gráfica levanta controvérsias, tendo em conta que Angola e particularmente a província do Bié município Cuito ser uma zona plurilingue. Assim, na harmonização da ortografia dos topónimos, propomos o seguinte:

i) Os topónimos que têm a sua origem portuguesa, devem ser escritos segundo as regras ortográficas dessa língua, isto é, respeitando as regras fonológicas de modo a evitar a variação de ortografia num mesmo topónimo, ora escrever com a grafia em Português, ora escrever com a grafia em Umbundu. Por outro, o contacto da Língua Portuguesa com a Língua Umbundu desencadeia a influência ao nível do léxico.

Em relação ao que foi dito antes, diz Sousa (2013) de que o topónimo – objecto de estudo da toponímia – ao ser criado, tal como um ser vivo, está sujeito às consequências do tempo: às influências, às modificações, e, até mesmo, ao desaparecimento do seu significado original, uma vez que escapa da consciência ou da memória do povo. Esses aspectos permitem afirmar que a toponímia possui uma dupla dimensão: do referente espacial geográfico (função toponímica) e do referente temporal (memória toponímica).

Assim, face às mudanças e às influências que os topónimos sofreram relativamente ao processo de aportuguesamento, propomos que sejam escritos de acordo as regras da LP, visto que, esses topónimos já estão estabilizados como acontece em qualquer língua, de modo a evitar constrangimentos de ordem linguístico, económico, social e político.

ii) Os topónimos de origem Umbundu, escrever-se-ão de acordo a ortografia da LU tendo em conta a origem ou etimologia do topónimo, dado que, a língua têm regras de grafia. Estrela (1994) diz que: as regras de ortografia valem como leis, que pretendem regulamentar a actividade da escrita e, portanto, terão de ser cumpridas por todo e qualquer membro da comunidade. Porém, este critério far-se-á na hipótese de serem criadas, num futuro próximo ou longínquo, topónimos que tenham a sua origem na LU, uma vez que, em Angola, entre 2004 e 2010 foi experimentada a introdução das sete

Línguas Bantu numa série de escolas do país<sup>9</sup>. Com efeito, o ensino da LU é já um facto, uma vez que já temos um instrumento que é o alfabeto aprovado em 1987, seguindo o sistema fonológico, assente essencialmente na equivalência de um símbolo gráfico para cada fonema, correspondente a realidade fonológica, assim como as regras de transcrição fonéticas de acordo a Resolução nº 3/87 de 23 de Maio.

Julgamos que, seria contraditório não escrever os topónimos tal como rege a ortografia da LU, uma vez que deve haver uniformidade no que se ensina nas escolas e o que se escreve em avisos, mapas cartográficos e letreiros, caso contrário, estaríamos a criar uma confusão no seio dos alunos e a comunidade no geral, tal como reforça a mesma situação, A Lei de Base da Toponímia que orienta que os topónimos, nas demais línguas de Angola, são escritos em conformidade com as regras de grafia da língua correspondente, devendo ser certificados pelo Instituto de Línguas Nacionais, e na mesma senda, a Resolução nº 3/87 de 23 de Maio, p. 195, diz que:

[...] considerando que as línguas nacionais, suporte e veículo das heranças culturais, exigem um tratamento privilegiado, pois que constituem um dos fundamentos importante da identidade Cultural do Povo Angolano; [...] considerando a necessidade da uniformização da escrita em línguas nacionais.

iii) Em qualquer língua, os topónimos quando grafados erradamente trazem algumas consequências, como a dificuldade de se determinar a origem, a etimologia e o significado, visto que, o topónimo é considerado como património cultural de uma comunidade.

Para Zamariano (2006) diz que: os erros em ortografia e pronúncia do nome da localidade podem ocasionar situações constrangedoras, pois, há um sentimento social de orgulho pela associação do topónimo com o lugar que designa. Da mesma forma é arbitrário que se altere um topónimo sem que seus habitantes permitam. O topónimo é para o lugar o que o nome próprio é para a pessoa, não se muda sem o consentimento da própria pessoa;

iv) Entendemos que dentro das políticas linguísticas ao escrever-se cada topónimo de acordo as regras de ortografia da língua de origem, estaríamos a promover estas línguas, em especial as línguas bantu de Angola, fazendo com que elas sejam valorizadas, e como resultado estaríamos a criar condições para que se aprenda a falar, a

---

<sup>9</sup> cf. <http://pt.globalvoicesonline.org/2013/12/27/plataformas-angolanas-de-aprendizagem-de-linguas-nacionais/>

ler e escrever bem, como um dado muito importante em política linguística, Timbane e Tambá (2020).

#### 5.4 Procedimentos de harmonização ortográfica dos topónimos

De acordo o que foi supracitado na epígrafe anterior propomos os seguintes critérios:

**a)** Os topónimos que foram aportuguesados como já estão estabilizados em Português, propomos que sejam escritos correctamente, de modo a evitar a variação gráfica. Assim, sugerimos as seguintes condições:

**a.a)** Os topónimos que apresentam a variação gráfica no caso de apresentar duas letras com o mesmo som em Português “/k/ e /c/” (Kuito, Cuito por exemplo), propomos que fossem escritos com a letra /c/.

**a.b)** No caso dos topónimos que as letras iniciais são pré-nasais /mb/ e /ng/” (Ngombacasi, Ngonde por exemplo) propomos que as consoantes nasais “/m/ e /n/” sejam suprimidas (Gombacassi, Gonde por exemplo).

**b)** Os topónimos que eventualmente vierem a serem criados, desde que tenha a sua origem da LU, seguir-se-á as seguintes condições:

**b.a)** o grafema /s/ nunca é duplicado como em Português, pois mantém o som [s] em todas as posições que estiver colocado. Exemplo: L.P - Epesse, L.U – Epese; L.P – Gombacassi, L.U- Ngombakasi;

**b.b)** o grafema /c/ em Umbundu não tem o mesmo valor que /q/ ou /k/. Portanto o grafema /c/ corresponde ao son [tʃ]; por falta de harmonização gráfica, algumas vezes, o /c/ é transcrito por **ty**, **tx**, **tch**, e até mesmo transformado em dígrafo /ch/ e /qu/. Exemplo: L.P- Chiqueleto, L.U – Cikeletu. L.P – Catemo, L.U – Katemo;

**b.c)** o dígrafo /nh/ foi substituído pelo /ny/. Exemplo: L.P – Cunhinga, L.U Kuninga;

**b.d)** a L.U é caracterizada pela presença de grupo consonântico (nasal + consoante oral), isto é, **mb nd, ng e ndj**. Exemplo: L.P - Bembua, L.U – Mbembwa; L.P – Dende, L.U – Ndende; L.P – Gonmbacassi, L.U –Ngombakasi; L.P – Jamba, L.U – Ndjamba,

**b.e)** quanto à ditongação, a grafia fonética transforma o “e” final em “i – y”, o “o” em “w”, originando ditongo com a vogal de acordo Valente (1964): Exemplos: L.P – Bembua “paz”, L.U – Mbembwa; L.P - Cassorio “árvore”, L.U – Usolyo.



**b.f)** a vogal /o/ não tem o valor de /u/, independentemente da posição em que se encontra. Exemplo: L.P – Longulo, L.U – Longulu.

A seguir, passamos a demonstrar a nossa proposta de harmonização dos topónimos de origem Umbundu, visto que, são os que mais apresentam variações na ortografia.

**Quadro 7** – Proposta de harmonização de alguns topónimos de origem Umbundu

Nº	Topónimo	Língua de Origem	Harmonização	Significado
1	Cuito	Umbundu	Kwitu	Amados fortemente
2	Cangoti	Umbundu	Kangoti	Espécie de planta
3	Dongua	Umbundu	Ndongua	Educar
4	Calonuima	Umbundu	Kalonwima	Atrás das costas
5	Catemo	Umbundu	Katemo	Enxada
6	Cambulukutu	Umbundu	Kambulukutu	Embrulho
7	Chambanda	Umbundu	Cambanda	Espécie de planta
8	Ecovongo	Umbundu	Ekovongo	Chamados
9	Chongolola	Umbundu	Congolola	Juntado
10	Chavaia	Umbundu	Cavaya	Não se importar
11	Tramangolo	Umbundu	Tramangolo	Fixar o joelho
12	Jimba Silili	Umbundu	Njimba Silili	Canto e não choro
13	Cangombe	Umbundu	Kangombe	Boi
14	Cunje	Umbundu	Kunje	Só a mãe conhece a concepção desta gravidez
15	Jamba	Umbundu	Njamba	elefante
16	Caquelewa	Umbundu	Kakelewa	Pequeno grão de sal
17	Calembe	Umbundu	Kalembe	Espécie de planta
18	Chindombe	Umbundu	Cindombe	Bagre grande

19	Calonguali	Umbundu	Kalongwali	Espécie de ave
20	Chilemba	Umbundu	Cilemba	Espécie de planta
22	Luasumba	Umbundu	Lwasumba	Respeitado
23	Chimboto	Umbundu	Cimboto	Rã grande
24	Trumba	Umbundu	Tulumbamba	Supresa
25	Cassorio	Umbundu	Kasolyo	Espécie de planta
27	Cuanjulula	Umbundu	Kwanjulula	Raspar
28	Chilonda	Umbundu	Cilonda	Subir
31	Chicala	Umbundu	Cicala	Viver
32	Cachipa	Umbundu	Kachipa	Pele
34	Chilembo	Umbundu	Cilembo	Somra grande
35	Cangumbe	Umbundu	Kangumbe	Espécie de ave
36	Cambulucuta	Umbundu	Kambulucuta	Confusão
37	Lau - Lau	Umbundu	Law – Law	Verificar
39	Bembua	Umbundu	Mbembua	Paz
40	Candondo	Umbundu	Kandondo	Nascente
41	Nequilo	Umbundu	Nekilo	Estes dias
42	Capiñgala	Umbundu	Kapiñgala	Substituto
43	Epesse	Umbundu	Epese	Despediçar
44	Caniñgili	Umbundu	Kaniñgili	Espécie de planta
46	Cambinga	Umbundu	Kambinga	Chifre pequena
49	Nguaio	Umbundu	Ngwayo	vazio
50	Cambonge	Umbundu	Kambonge	Administração pequena
51	Chipiapia	Umbundu	Cipyapya	Queimadura

52	Sindaco	Umbundu	Sindaco	Persistente
53	Cambandua	Umbundu	Cambandua	Pele pequena
54	Hossi	Umbundu	Hosi	Leão
55	Ngulungo	Umbundu	Ngulungo	Espécie de animal
56	Cachiva	Umbundu	Cachiva	Pequena lagoa
57	Canata Mbango	Umbundu	Canata Mbango	Pequena lama
58	Ngungo Caiombo	Umbundu	Ngungo Kayombo	Espécie de insecto e capim
59	Catala	Umbundu	Katala	Visto
61	Casombo	Umbundu	Kasombo	Espécie de planta
62	Calumbala	Umbundu	Kalumbala	Espécie de planta
63	Gombacassi	Umbundu	Ngombacassi	Come tudo e não deixa nada

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

### Considerações finais

Os autores consultados ao longo da revisão da literatura especializada destacamos os seguintes: Vaconcello (1931), Vilela (1994), Dick (2007), Di Tizio (2008), Carvalho (2012), Alexandre (2020), entre outros. Pontuam claramente os conceitos de toponímia, Lexicologia, léxico e a classificação dos topónimos.

O estudo da toponímia permite compreender os valores culturais, mitos e crenças de um determinado povo, a fauna, a flora, o relevo e a hidrografia de um determinado lugar. Procurou-se igualmente apresentar uma classificação dos topónimos de acordo o medelo proposto por Dick em 1990.

Relativamente a ortografia, focámo-nos sobretudo nos topónimos de origem Umbundu, uma vez que são estes que muitas vezes apresentam variações ortográficas. Nessa conformidade, considerou-se que os topónimos aportuguesados são palavras que integram o léxico do português no seu sentido geral, por esse facto, julga-se não fazer sentido a afirmação de que os topónimos aportuguesados são uma deturpação da ortografia e fonologia das LB.

Do ponto de vista de elaboração da proposta de harmonização ortográfica, tivemos um inventário de topónimos do município do Cuito, análise feita e observada constatou-se que apresentam variações e mudanças ortográficas e propomos a harmonização ortográfica dos respectivos topónimos, com a ortografia vigente na LP, e de acordo com a ortografia das LU e uniformizar a escrita de todos os grafemas idênticos que se verificam nas LU, por forma a evitar a duplicidade, diferenciação e heterogeneidade ortográfica.

## Referências

- ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL DO KUITO. *Monografia Comunal do Kuito*. 2010.
- ALEXANDRE, H. P. *Topônimos angolanos de origem bantu: princípios para harmonização gráfica*. Rev. Bras. Linguíst. Apl. v. 20, n. 3, p. 465-498, 2020.
- ANGOLA. Lei nº 17/16, de 7 de outubro de 2016 – Lei de bases da toponímia. *Diário da República*. 12 set.. 2016. I Sérir nº 155. Luanda: Assembleia Nacional.
- ANGOLA. Constituição da República de Angola. *Diário da República*. 5 fev. 2010. I Série. nº 23. Luanda: Assembleia Nacional.
- ANGOLA. Resolução nº 3/87, de 23 de maio de 1987. *Diário da República*. 23 Maio 1987. I Série. nº 41. Luanda: Assembleia Nacional.
- AZEREDO, M. O.; PINTO, M. I. F.; LOPES, M. C. A. *Da Comunicação a Expressão Gramática Prática de Português 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário*. Raiz Editora, 2014.
- CHIMBINDA, J. S. F. *O Nome na identidade umbundu: Contribuição antropológico*. Etu, 2009.
- COLÓNIAS, A. G. *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa, 1959.
- DICIONÁRIO ELECTRÓNICO HOUAISS, disponível em <http://www.dicio.com.br/toponímia/>. Acesso 2014.
- ENCICLOPÉDIA VERBO LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA, Editorial Verbo, Lisboa/São Paulo.
- ESTRELA, E. & CORREIA, J. D. P. *Guia Essencial da Língua Portuguesa para a Comunicação Social*. 3ª Edição – Lisboa Editorial Notícias, 1994.
- FERNANDES, J. & NTONDO Z. (2002) *Angola: Povos e Línguas*. Luanda: Editora Nzila, 2002
- MAEDA, R. M. A. *A Toponímia Sul-Mato-Grossense: Um Estudo dos Nomes de Fazendas, Araraquara*. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, 2006.

SOUSA, A. M. *Para a Aplicação da Toponímia na Escola*. UFAC. 2013 Disponível em [http://www.filologia.org.br/XVii\\_Cnlf/Cnlf/02/24.pdf](http://www.filologia.org.br/XVii_Cnlf/Cnlf/02/24.pdf). Acesso em 04/10/2014, 23:39.

VASCONCELLOS, J. L. *Opúsculos – Vol. III: Onomatologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

VILELA, M. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Almeida, 1994

ZAMARIANO, M. *Toponímia Paranaense do Período Histórico de 1648 a 1853*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Londrina, 2006

ZAU, F. *Angola: Trilhos para o Desenvolvimento*. Lisboa: Universidade Aberta, 2002.

VALENTE, P. J. C. S. S. *Gramática Umbundu: Língua do Centro de Angola*. Lisboa, 1964.

Recebido em: 11/02/2022

Aceito em: 25/05/2022

**Para citar este texto (ABNT):** LAURINDO, Martins Kamulengo Siluqui. Proposta de harmonização ortográfica da toponímia de Angola: caso do município do Cuito-Angola. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº2, p.288-312, jan./jun.2022.

**Para citar este texto (APA):** Laurindo, Martins Kamulengo Siluqui (jan./jun.2022). Proposta de harmonização ortográfica da toponímia de Angola: caso do município do Cuito-Angola. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 2(1): 288-312.